



PIBID

Filosofia FAPAS

I SEMINÁRIO PIBID/FAPAS

Educação, conhecimento e docência

ISSN 2446-6514



Santa Maria, RS, Brasil

REALIZAÇÃO

Faculdade Palotina - FAPAS

Direção-Geral

Antônio Amélio Dalla Costa

Vice-Diretor

Sérgio Lasta

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID-CAPES

Coordenação Institucional

Alceu Cavalheiri

Cristina de Moraes Nunes

Sérgio Nicolau Engeroff

Bolsistas das escolas participantes

EMEF Duque de Caxias

Supervisora

Marigésus Bastista

Acadêmicos

Diego Maciel

Douglas Giuliani Durigon

Ederson Braga Mello

Helton Luiz Wachholz de Souza

Rafael de Souza Prestes

Robson Raddatz Ramos

Rodrigo Antonio P.Somavilla

EMEF Irmão Quintino

Supervisora

Ruthe Marina Machado

Acadêmicos

André Felipe Belmirio

Filipe Gomes de Freitas

Juliano da Siqueira Venturini

Matheus Estevam Pereira

Tobias Zeni Grando

C. E. Tancredo Neves

Supervisora

Oneide Druzian

Acadêmicos

Alex Moreira Dorneles

Cleiton Turela de Moraes

Daniel Soares das Chagas

Gustavo Henrique Rondis Cruvinel

Ivan Junior Dalmolin Cargnin

Jairo Vieira da Silva Junior

Junior Lago

Comissão Organizadora

Alceu Cavalheiri

Alex Moreira Dorneles

Cristina de Moraes Nunes

Éverton Pairé Pasche

Helton Luiz Wachholz de Souza

Marigésus Aparecida Batista

Oneide Pedroso Druzian

Rafael de Souza Prestes

Ruthe Marina Machado Silva

Sérgio Nicolau Engerhoff

Vitor Mateus Fantoni de Oliveira

Apresentação gráfica e diagramação

Janaína da Silva Marinho

Apoio

DAFIL - Diretório Acadêmico de Filosofia FAPAS

Contato

Rua Padre Alziro Roggia, 115 - Bairro: Patronato

Cep: 97020-590

Santa Maria - RS - Brasil

Fone: (55) 3220-4575

Email: pibidfapas@fapas.edu.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Origem e desenvolvimento do liberalismo segundo John Locke	6
A filosofia na educação infantil: o conto literário como sensibilização ao pensar filosófico.....	8
Platão e os fundamentos para uma educação filosófica e transformadora.....	10
A educação em Santo Agostinho na obra <i>De Magistro</i>	12
Objetivo da filosofia numa educação emancipatória	13
Panorama reflexivo entre filosofia, ciência e história.....	14
Um olhar para a filosofia: breve colóquio sobre o contexto brasileiro.....	15
Uma viagem cultural para o pensar filosófico	17
PIBID – 2014: FAPAS – Colégio Tancredo Neves.....	19
A função social da propriedade privada em John Locke	21

APRESENTAÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a alunos de licenciatura participantes de projetos, de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

As ações do projeto visam promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola participante das ações do projeto.

O projeto **Pibid/FAPAS**, desenvolvido em três escolas da rede pública de Santa Maria-RS, atende alunos do ensino fundamental e médio, na modalidade normal e EJA. O contexto educacional das escolas participantes caracteriza-se pela necessidade de promover o incentivo à reflexão, discussão e o conhecimento acerca de temas relacionados à formação humana e cidadã.

A proposta **Pibid/FAPAS** busca resgatar o que já ocorre, em parte, nas escolas, nas quais professores, coordenadores e diretores dedicam-se à formação humana, especialmente na educação de valores. Desse modo, o contexto educacional das escolas participantes fortalece ainda mais a proposta da IES na busca por promover e valorizar o ser humano, fortalecendo a cidadania através da prática da excelência no ensino de graduação, pesquisa e extensão e em sua atuação na sociedade.

Nesse contexto, o **I Seminário Pibid/FAPAS - Educação, conhecimento e docência** justifica-se pela necessidade de socialização dos resultados das atividades de iniciação à docência nas escolas parceiras do projeto. Além do mais, permite uma discussão crítica das atividades desenvolvidas no meio educacional.

O evento ocorreu nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2014, com os seguintes objetivos:

- a) socializar as atividades e discutir as dificuldades relacionadas ao ensino e aprendizagem, para encontrar métodos adequados à realidade escolar;
- b) oportunizar um espaço para reflexão e formação continuada da prática docente;

- c) viabilizar a integração entre bolsistas do Pibid de diferentes instituições e nas escolas/colégios, nas quais os projetos são desenvolvidos; e
- d) proporcionar um espaço para a apresentação de comunicações e publicação dos trabalhos apresentados, em anais do evento.

Por fim, a equipe organizadora deseja que as experiências compartilhadas durante o evento possam servir de apoio ao desenvolvimento de propostas e atividades didático-pedagógicas que promovam a reflexão, a discussão e a construção do conhecimento acerca da diversidade de temas relacionados à formação humana e cidadã, nos diferentes espaços educativos da educação básica e na formação em nível superior, através da iniciação à docência.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO LIBERALISMO SEGUNDO JOHN LOCKE

Celso J. Tsambi¹

Resumo: John Locke nasceu a 29 de agosto de 1621, no seio de uma família de burgueses comerciantes da cidade de Bristol. Quando estourou a revolução de 1648, seu pai adotou a causa dos puritanos e alistou-se no exército do parlamento. John foi enviado à Escola de Westminster que apoiava a causa de parlamento e, em 1652, transferiu-se para a *Crist Church College de Oxford*, instituição à qual foi ligado até 1684, primeiro como aluno, depois como *fellow* que quer dizer seguidor. Em Oxford, Locke desencantou-se com aristotelismo que era ensinado, e recebeu duas influências fundamentais para o curso posterior de seu pensamento: a de John Owen (1616-1683), que enfatizava a importância da tolerância religiosa e a de Descartes (1596-1650), que o libertou do inteligível modo de falar dos escolásticos. Seus interesses como estudante foram bem diversificados, abrangendo desde química e a meteorologia até a teologia. Ele optou pela medicina como atividade profissional. O Tratado sobre o governo civil de Locke é descrito como uma defesa da revolução de 1688 e uma justificativa dos princípios dos Whigs² que se tornaram dominantes na política inglesa. Ele esperava instaurar o trono de grande restaurador William, apoiar seu título com a concordância do povo..., e justificar diante do mundo o povo da Inglaterra, cujo amor por seus direitos justos e naturais, com sua decisão de preservá-los em que salvou a nação, quando esta se encontrava à beira da escravidão e da ruína. John Locke fundamenta que o estado de natureza é examinado com a sociedade civil da qual difere pela falta de um juiz comum com autoridade, mas não é como em Hobbes que é considerado como estado de guerra. A característica de um estado de guerra é a força ou uma intenção declarada de força sobre a outra pessoa, em que não há um superior comum na terra quem apelar por socorro. O propósito do governo é salvaguardar os direitos naturais do homem, Locke defende que estes direitos pertencem a ele no estado de natureza e anseia por provar que entre eles está o direito da propriedade. A liberdade que a pessoa tem, não significa que um homem possa fazer exatamente o que lhe agrada, sem considerar a qualquer lei, pois, a liberdade natural do homem é ser livre de qualquer poder superior na terra e de não depender do desejo ou da autoridade legislativa do homem, mas ter apenas para regulamentá-lo. O pacto referido pelo Locke era um contrato social feito entre os homens que concordavam em se unir em uma sociedade civil.

Palavras-chave: Homem. Estado de natureza. Propriedade. Guerra. Liberdade.

Referências

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda. 1997.

¹ Acadêmico do 4º semestre de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Email: celsotsambito@yahoo.com.br

² Membros de um partido político da história inglesa favoráveis ao progresso e à reforma.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil**: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Petrópolis, RJ: Vozes 1994.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1997.

A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O CONTO LITERÁRIO COMO SENSIBILIZAÇÃO AO PENSAR FILOSÓFICO

Robson Dias¹

Rodrigo Antonio Piovesan Somavilla²

Resumo: Em todo ser humano há uma inata inquietação que visa buscar o saber, o conhecimento. Esta inquietação pode ser percebida inclusive nas crianças e, como toda inquietação se configura como um arvorecer do pensamento racional, defendemos que a Filosofia pode contribuir muito para que ela desenvolva essa aptidão que se manifesta desde cedo, pois o filosofar, em nossa concepção, precisa ser expandido da simples análise metódica de conceitos, algo que tantas vezes acontece no mundo acadêmico, para um modo de pensar, crítico, reflexivo e dinâmico. Assim, a Filosofia no mundo educacional terá muitas relevâncias, fazendo com que desde cedo o pensar já seja realizado de modo questionador, com novas descobertas já no mundo infantil, mundo esse que percebemos ser um momento filosofante na vida de todo sujeito, pois toda criança já traz em si esse status de constante questionamento. Deste modo e com esta preocupação, o subprojeto PIBID da escola Duque de Caxias, realizou uma experiência que comprova o fato de que a filosofia tem muito a contribuir no meio educacional, que as crianças, dentro de suas possibilidades, são ótimas receptoras daquilo que chamamos pensar filosófico. Vimos que a atividade filosófica pode ser diversificada a partir de vários instrumentos que estão ao nosso alcance, que não tiram a sua essência, que é esta busca da verdade, busca da sabedoria, sendo um destes instrumentos o conto literário, um meio pelo qual a Filosofia pode ser mais amada e almejada por aqueles que ainda estão iniciando esta aventura do aprender. Desta forma, não pretendemos apresentar um filosofar literário, mas uma sensibilização ao filosofar a partir da literatura, sendo assim, dois momentos diferentes nesta mesma atividade.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Crianças. PIBID.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Globo. 1974.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus. 1987.

¹ Acadêmico do 6º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Email: seminaristarobyynho@gmail.com.

² Acadêmico do 4º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Email: rodrigoantoniopiovesan@yahoo.com.br.

DINIS, Carlos Manuel dos Santos Jacinto. **O que é a Filosofia para crianças:** programa de Matthew Lipman. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GENTIL, Hélio Salles. Entre a memória e o esquecimento, a ficção. In: _____. **Filosofia e Literatura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.p.157 - 171.

LIPMAN, Matthew. A Utilidade da Filosofia para a educação da juventude. **Revista de Educação,** nº3, Volº3, 1989, p.13-17.

LIPMAN, Matthew. **Filosofia para crianças.** Petrópolis: Vozes, 1998.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **Filosofia e história da educação.** São Paulo: Ed. Ática, 2000.

PRADO, Christiane Leite do; LOPES, Kathi Crivellaro. A personalidade de Chapeuzinho Vermelho e o leitor infantil. **Disciplinarum Scientia:** artes, letras e comunicação, Santa Maria - RS: Centro Universitário Franciscano, v.1, n.1, p. 57-77, 2000.

SCHIMIDT, Maria Junqueira. PEREIRA, Maria de Lourdes de Sousa. **Orientação Educacional.** Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1963.

SOUZA, Luiz Fernando de. **Um palco para o conto de fadas:** uma experiência teatral com crianças na educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2008.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para crianças e adolescentes.** Petrópolis: Vozes, 1999.

TOBIAS, José Antonio. **Filosofia da educação.** São Paulo: Ave Maria, 1998.

PLATÃO E OS FUNDAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA E TRANSFORMADORA

Filipe Gomes de Freitas¹

Marcos Alexandre Alves²

Resumo: O presente trabalho tem por intuito desenvolver um estudo a respeito do pensamento educacional de Platão, tendo como base a obra, *A República*, com especial atenção ao livro VII, é neste livro que o autor descreve as diversas etapas da educação do filósofo ao longo de sua existência. No decorrer deste trabalho, buscaremos entender a relação dos sofistas com a educação do mundo grego, qual o papel de Sócrates para a educação e quais os fundamentos da Paidéia platônica. Neste desenrolar compreenderemos, assim, como Platão concebe a filosofia e idealiza o filósofo como sendo o educador por excelência, e cabe a ele educar no Estado e os cidadãos. É de suma importância à retomada, acerca, do pensamento platônico, pois os elementos básicos dessa filosofia da educação continuam sendo válidos na atualidade. Dessa forma, partiremos do princípio de que o homem uma vez bem educado pode converter-se no mais divino dos animais. Nessa filosofia, a função da educação (*Paideia*) implica a seleção da formação, com um profundo sentido social e político. É evidente que, em Platão, a educação, permeia todo o seu próprio percurso filosófico, buscava demonstrar em seus diálogos temas sobre educação, como por exemplo, no *Mênon* e *Protágoras*, onde a fundamental questão que os envolve é o ensino da virtude. Contudo, será no diálogo *A República*, que o filósofo elaborará um método ideal sobre a educação. Nesta obra, demonstra como educar o homem para se tornar um cidadão apto ao convívio na *polis*. Podemos destacar que a educação platônica, não se pautava, na formação de um cidadão que vive somente para si, mas sim, a formação de um cidadão participante e atuante dentro da *pólis*, para isso, deverá receber um tipo de educação adequada que leve em conta o convívio harmônico e democrático. Assim, o trabalho segue subdividido em três momentos: no primeiro, destacaremos Sócrates e a crítica à sofística. O segundo apresentaremos os fundamentos da Paidéia platônica e em um terceiro, colocaremos o programa educativo proposto por Platão.

Palavras-chave: Platão. Filosofia. Educação. Cidadão.

Referências

PLATÃO. *A República*. Tradução de J. Guinsburg. Introdução e notas Robert Baccou. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1973.

_____. **Diálogos:** Teeteto (ou do conhecimento), sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)/ Platão; tradução, textos complementares e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.

¹ Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. E-mail: filipe.sh.freitas@gmail.com

² Professor do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: maralexalves@gmail.com

PAGNI, P. A. **A Filosofia da educação Platônica**: o desejo de sabedoria e a Paidéia justa. Disponível em:

<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/126/3/01d07t01.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2014.

TEIXEIRA, E. F. B.; **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

A EDUCAÇÃO EM SANTO AGOSTINHO NA OBRA *DE MAGISTRO*

José Claudemir Borges¹

Resumo: O presente trabalho tem como tema central o estudo do processo de interiorização proposto por Santo Agostinho para que o homem pudesse chegar ao verdadeiro conhecimento. A busca por esse entendimento justifica-se quando se tem em vista a importância de Santo Agostinho, que foi um dos maiores responsáveis pelas concepções educacionais não só de seu tempo, mas também da Idade Média, sendo que sua influência chega até os dias de hoje. Para realizar tal estudo, as principais fontes agostinianas utilizadas foram: *A verdadeira religião*, *Confissões*, *O livre-arbítrio*, *O mestre*, *Sobre a potencialidade da alma* e *Solilóquios*, *O mestre (De Magistro)*. A proposta de interiorização agostiniana foi feita a partir da sua concepção da fragilidade do corpo. Ele acreditava que, ao buscar o conhecimento na matéria, o homem se desviava do que lhe garantiria a verdadeira felicidade, ou seja, Deus. Para que pudesse encontrar a Verdade, era preciso que o homem deixasse de lado sua materialidade e se voltasse para seu interior, pois era ali, em sua alma, que o verdadeiro conhecimento se encontrava, possibilitado pela iluminação divina. Nesse processo, Cristo era considerado o verdadeiro Mestre, de modo que os mestres terrenos tinham a função de estimular seus discípulos a buscarem a Verdade em seu interior.

Palavras- chave: Educação. Santo Agostinho. Interiorização. *De Magistro*.

Referências

GOSTINHO. *A Verdadeira Religião*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

_____. *Sobre a potencialidade da alma*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Solilóquios & A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. *De Magistro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

¹ Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. E-mail: borges19_85@hotmail.com

OBJETIVO DA FILOSOFIA NUMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Helton Luiz Wachholz de Souza¹

Matheus Estevam Pereira²

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar a tarefa da escola, sendo esta muito importante na vivência na sociedade, pois é ela a responsável por estabelecer ao aluno um compromisso perante a sociedade. É a escola que deve estimular o aluno ao aprendizado visando à humanização do indivíduo. Paulo Freire afirma que a escola é um espaço de relação social e humana (1996, p. 50). É nela que o indivíduo se forma. Desde a formação das escolas, eles sempre tiveram presente seus métodos de ensinamentos, suas didáticas, seus currículos, suas relações entre professores e alunos e seus processos e materiais didáticos. Cada qual com sua especialidade, seus métodos de ensino e aprendizagem. Apresenta-se o objetivo da filosofia enquanto forma de tornar a escola num espaço de conhecimento, sensibilização, formação e tornando cidadãos críticos, na qual são capazes de refletir e transformar suas vivências cotidianas e reais, desenvolvendo crianças autônomas.

Palavras-chave: Escola. Filosofia. Criança. Aprendizado.

Referências

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ática, 1996.

GIORGI, Cristiano Di. **Escola nova**. São Paulo: Ática, 1992.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O pensar na educação**. Trad. Anna Mary Figliari Perpetuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MALACARNE, V. **Formação dos professores e o espaço da filosofia**. São Paulo, 2005.

¹ Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria/RS. E-mail: heltonlws@hotmail.com.

² Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria/RS. E-mail: matheus_estevem90@hotmail.com.

PANORAMA REFLEXIVO ENTRE FILOSOFIA, CIÊNCIA E HISTÓRIA

Éverton Pairé Pasche¹

Jeferson Flores Portela²

Resumo: O trabalho que desenvolvemos e aqui apresentamos é resultado de uma atividade prática do Grupo PIBID/FAPAS. Este trabalho tem por objetivo demonstrar através de uma reflexão filosófica a relação entre filosofia, ciência e história, mostrando que embora tratem de percepções diferentes ambas se unem e assumem um papel de grande importância nas etapas que passa a sociedade. Desta forma buscou-se desenvolver dentro da disciplina de filosofia a interdisciplinaridade com a disciplina de história. O público alvo foram alunos das 8º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Quintino. Como objetivo de nossa atividade destacamos quatro pontos o primeiro é o de introduzir um pensar filosófico já que na grade escolar não consta a disciplina de filosofia; em segundo ponto buscamos usar da interdisciplinaridade; em terceiro ponto buscamos dentro da interdisciplinaridade apresentar os principais cientistas/filósofos e por quarto e último ponto procuramos instigar uma reflexão acerca dos grandes acontecimentos na sociedade e a influência da filosofia e da ciência neste período histórico. A realização desse trabalho deu-se pelo uso do Data-Show, no qual foram projetados os principais autores trabalhados (Francis Bacon, Galileu Galilei, Isaac Newton e Nicolau Copérnico). De maneira expositiva se construiu uma reflexão, concluindo com abertura a questionamentos e a possíveis esclarecimentos. Após a realização desta atividade pibidiana notamos que através da reflexão filosófica houve quebras de preconceitos acerca da ciência, vista somente do âmbito do cientificismo pragmático, conseguimos realizar uma atividade diferenciada, tomada como uma nova metodologia e conseguimos a integração entre pibidianos, alunos e professores. Por fim, vemos através desta atividade a possibilidade de uma reflexão filosófica no ensino fundamental, assim como a possibilidade de uma interdisciplinaridade. Concluímos que ao contrário de uma visão negativa, os jovens possuem uma busca pelo saber, falta apenas um método de contextualização e de abertura a troca de idéias e ao diálogo sobre as diversas opiniões que cada aluno pode vir a explicar. Por fim, o incentivo a docência e a troca de experiências somente enriquecem ao que se propõe realizar o PIBID/FAPAS, em destaque na Escola Irmão Quintino.

Palavras-chave: Ciência. História. Filosofia. Interdisciplinaridade.

Referências

FRANCA, Leonel. **Noções de História da Filosofia**. 22 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

LIBÂNEO, J. Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. 2. ed. São Paulo: Ed. Summus, 1990.

¹ Acadêmico do 8º Semestre de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Bolsista do programa PIBID vinculado a Capes. E-mail: evertonpaire@gmail.com.

² Acadêmico do 8º Semestre de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Bolsista do programa PIBID vinculado a Capes. E-mail: jefresonfilosofia@gmail.com.

UM OLHAR PARA A FILOSOFIA: BREVE COLÓQUIO SOBRE O CONTEXTO BRASILEIRO

Jeferson Flores Portela da Silva¹

Éverton Pairé Pasche²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar duas categorias descritivas e reflexivas fundamentais a cerca do ensino de filosofia no Brasil - ‘a importância da filosofia e como ela foi implantada nas grades curriculares’ – no intuito de compreender esse processo histórico no que se remete a importância da filosofia para o ensino médio e básico. Cabe ressaltar que inúmeras foram as tentativas de implantar a filosofia no currículo escolar, desde 1930, essa vem sendo uma luta dirigida a passos silenciosos por alguns professores e outros indivíduos que percebem na filosofia uma saída para uma sociedade mais igual e esclarecida. Em nossa compreensão, a marcha do Ensino de Filosofia defendidas em tantas Leis e tantas vezes colocadas em xeque por pensarem que sua implantação não era necessária, equivale a uma melhor formulação da própria visão de filosofia no ensino médio, pois as próprias diretrizes das escolas por vezes concebem um plano muito bem estruturado, mas, na realidade não se tem infra-estrutura física e psicológica para se aplicar uma boa filosofia nas salas de aula. Como forma de examinarmos melhor esse problema, poderíamos pensar pela seguinte linha de raciocínio, em muitas instituições Básicas e Estaduais ainda não se tem professores qualificados em filosofia para aplicar determinada atividade. No entanto, podemos nos perguntar: qual seria a qualidade da própria filosofia oriunda de um contexto como esse que falamos há pouco?

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Experiência. Pensar.

Referências

CUNHA, José Auri, organizador. **Filosofia para a Criança**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

KOHAN, Walter Omar. **Fundamentos á Prática da Filosofia Pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

¹ Acadêmico do 8º Semestre de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Bolsista do programa PIBID vinculado a Capes. E-mail: jefresonfilosofia@gmail.com

² Acadêmico do 8º Semestre de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS, Santa Maria/RS. Bolsista do programa PIBID vinculado a Capes. E-mail: evertonpaire@gmail.com

LIPMAN, Mathew. **A filosofia vai à escola**. Tradução de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Luciana Maria Silva Kremer. São Paulo: Editora Summus, 1990.

ROCHA, Ronai Pires. **Ensino de filosofia e currículo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

UMA VIAGEM CULTURAL PARA O PENSAR FILOSÓFICO

Robson Dias Correa¹

Vítor Mateus Fantone de Oliveira²

Rafael Prestes³

Rodrigo Somavilla⁴

Helton Wachholz⁵

Rafael Zancan⁶

Matheus Estevam⁷

Resumo: Um dos constantes desafios da atividade pedagógica é aproximar o mundo educacional do mundo onde os sujeitos da aprendizagem vivem. Desta forma, percebe-se reflexos deste mundo naquele, sendo que essa aproximação precisa acontecer para que não se corra o risco de apresentarmos uma visão doutrinal de um mundo que nossa criança e nosso jovem não têm familiaridade. Diante dessa preocupação, como subgrupo Pibid da Faculdade Palotina –FAPAS, responsável pelas atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, apresentamos uma nova e surpreendente forma de sensibilizar nossos alunos para o pensar filosófico a partir de uma ferramenta incomum para o mundo dos pensadores: o museu. O projeto consiste em utilizar desta ferramenta para fazer uma passagem da visibilidade de objetos para o conteúdo filosófico. Isso se dá no momento que se faz uma associação imagem- conteúdo, de tal forma que o conteúdo possa se espelhar nesta mesma imagem e dela passar ao entendimento do que lhe é próprio. Sendo que ambos não se confundem, a imagem não se transforma em Filosofia e nem a Filosofia perde com a invasão deste 'corpo estranho' no seu mundo, pois são apenas momentos diferentes de uma mesma atividade. Nesse ínterim, apresentamos às crianças da quarta série do ensino fundamental a visão utópica da filosofia platônica, a saber, o mundo ideal platônico. No museu Vicente Pallotti, visitou-se várias seções de antiguidades históricas e destas, sensibilizamos para uma produção imaginária da própria criança, de seu mundo utópico onde habitam aquelas imagem por elas visualizadas. Assim, elas imaginaram um mundo onde habitasse dinossauros, animais selvagens, pedras, objetos antigos entre outros. Dos objetos observados no museu, partimos paralelamente para outro mundo antigo, o mundo platônico, em vez de dinossauros e animais

¹ Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: seminaristarobyynho@gmail.com

² Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: vitorfantone06@gmail.com

³ Acadêmicos do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: heltonlws@hotmail.com

⁴ Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: rafael_prestes2@hotmail.com

⁵ Acadêmicos do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: rodrigoantoniopiovesan@yahoo.com.br

⁶ Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: matheus_estevam90@hotmail.com

⁷ Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina-FAPAS. Santa Maria/RS. E-mail: rafael_zanca@hotmail.com

empalhados, há um mundo de Ideias, que correspondem às várias coisas que existem na terra. Desta forma, aproximamos dois mundos que pareciam distantes, sendo que um foi utilizado como instrumento para o outro, o mundo artístico como passagem ao mundo filosófico, cada qual preservando sua essência e sua identidade, mas sendo um o auxílio para o entendimento do outro.

Palavras-chave: Arte. Utopia. Filosofia. Crianças.

Referências

BONASSA, Elvis Cesar. **Um céu de palavras**. São Paulo: EDUC, 1998.

SANTOS, Odair Marques dos. **Estudo comparativo de utopias em: Platão, Morus e Campanella**. Santa Maria: s.n, 1999. Trabalho de conclusão de curso (Filosofia) - Instituto de Filosofia e Teologia Santa Maria. Orientação Prof. Valdemar Munaro e Prof. Eduardo P. Nogueira.

DOMONT, Beatriz. **Sonhos e utopias em torno de um projeto cultural: o CPC da UNE**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. A nossa realidade social e a utopia da sobrevivência moral da humanidade. **Veritas**, Porto Alegre: PUC, v.45, n.4, p. 633-646, dez./2000.

MÜNSTER, Arno. **Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta**. São Paulo: UNESP, 1993.

FOBÉ, Nair Leme. **A imaginação e a fantasia no desenvolvimento da criatividade**. Campinas: Instituto de Filosofia - PUC, 1980.

JOHNSON, Robert A. **A chave do reino interior: sonhos, fantasia e imaginação ativa**. São Paulo: Mercuryo, 1989.

KAST, Verena. **A imaginação como espaço de liberdade: diálogo entre ego e o inconsciente**. São Paulo: Loyola, 1997.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Atena, 1956.

_____. **Parmênides ou das ideias**. Lisboa: Inquérito Limitada, s/d.

PIBID – 2014: FAPAS – COLÉGIO TANCREDO NEVES

Alex Moreira Dorneles¹
Ângelo Estevam Polidoro²
Cleiton Turela Moraes³
Daniel Soares das Chagas⁴
José Ananias Fernane Neto⁵
Junior Lago⁶
Luciano Delelis⁷

Resumo: O objetivo do presente pôster é relatar as atividades que os acadêmicos do curso de filosofia, da FAPAS- Faculdade Palotina, realizaram no colégio Tancredo Neves com as turmas da EJA ensino médio no primeiro semestre deste ano (2014) por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID- FAPAS 2014. O grupo é formado por sete bolsistas que se dividem na aplicação dos conteúdos em quase todas as séries da EJA, que teve como referencial teórico o conceito de jogo desenvolvido pelo autor alemão Hans-Georg Gadamer. Buscou-se usar o conceito de jogo como fundamento para uma conscientização histórica, cultural e social para a formação do sujeito. Buscando o critério do desenvolvimento geracional educativo através dos conteúdos formais adquiridos pelos seres humanos. Optou-se por fazer oficinas expositivas juntamente com o auxílio de dinâmicas relacionadas ao tema. As oficinas tiveram como fundamento o tema “*Política, ética e responsabilidade social*”, onde se procurou provocar os alunos para um debate e, conseqüentemente, a uma reflexão crítica sobre o assunto. As oficinas foram elaboradas com o objetivo de tirar certos preconceitos (principalmente de que política é corrupção e que quem exerce a política é um grupo restrito de pessoas) e fundamentar filosoficamente as discussões para que os alunos se elevassem do mero senso comum. Começou-se com política em Aristóteles (*A Política – cap. VI*). Buscou-se uma reflexão em relação à participação do ‘eu’ politicamente ativo da vida político/social (*polis*) que, em suas ações, deve ter como finalidade o bem comum. Na sociedade dita democrática o voto deve ser essencial, por isso a conscientização para o bem comum e a responsabilidade é primordial, juntamente com a observância categórica das leis

¹ Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: moreira.dorneles@gmail.com.

² Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: angelopolidoro@hotmail.com.

³ Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: creiton-26@hotmail.com.

⁴ Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: daniel-chagas_72@hotmail.com

⁵ Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: fernane.neto@hotmail.com.

⁶ Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: lagojunior95@live.com.

⁷ Acadêmico do curso de filosofia da FAPAS – Faculdade Palotina e bolsista do projeto PIBID. E-mail: lucianoprada@hotmail.com.

constitucionais, uma vez que o sujeito é, também, de certa forma, promotor das mesmas através do voto. O grupo tentou demonstrar, através de um viés antropológico existencial, que política, primeiramente, é exercida pelo ‘eu’ (subjetividade) que, por sua vez, deve tomar consciência de sua importância dentro do todo social (trabalho, lazer, família, escola, etc). Ao final das oficinas se observou que houve uma boa participação e aceitação das estratégias pedagógicas. O que mais facilitou a discussão foi o fato de a maioria já estarem exercendo a cidadania ativa como eleitores e no mercado de trabalho. Os alunos ficaram contentes com o tema e com um desejo de começar a fazer a diferença, justamente por terem maior aprofundamento no esclarecimento da temática.

Palavras-chave: PIBID. FAPAS. Formação. Reflexão.

Referências

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Editora Escala. [19--].

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 6. ed. Petrópolis RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2º ed. Piracicaba: editora Unimep, 1999.

A FUNÇÃO SOCIAL DA PROPRIEDADE PRIVADA EM JOHN LOCKE

Liziane Terezinha Machado Pereira¹

Jeferson Flores Portela da Silva²

Marcos Alexandre Alves³

Resumo: Indubitavelmente a maior preocupação dos proprietários de terras é a desapropriação por não cumprimento da função social, eis que juridicamente este instituto é tutelado pela suprema carta magna. O proprietário tem seu direito à propriedade, assegurado pelo direito privado, consoante previsão legal no Código Civil, o ente Estatal, poderá fazer uso da desapropriação das terras, desde que não cumprida a função social da mesma. Diante disso, busca-se entender o que efetivamente é o exercício da função social da terra à luz de John Locke. Insta referir que o conceito de propriedade originou-se com os primeiros habitantes, logo o que temos atualmente é apenas um aprimoramento dos nossos ancestrais. Desta forma, Locke explana que os humanos começaram a exercer a posse e o direito de propriedade desde seu nascimento. Para o autor, foi Deus quem concedeu o direito à propriedade aos homens e a seus herdeiros, com isso, tudo que lhes servia - frutos, alimentos, animais. A partir do pensamento de Locke é possível entender que não bastaria ao homem ser proprietário das coisas que lhe servem, e isso evoluiu para tudo que conseguir produzir com seu esforço, posto que o que retirar da natureza, em seu estado natural, com seu trabalho e esforço humano também passa a ser de sua propriedade. Pode-se dizer assim, que o pensamento político de Locke, divide-se em três momentos, distintos entre si e interligadas na sua essência da evolução. Em um primeiro momento, tem-se que o homem desde seu nascimento tem o direito a sua preservação e, conseqüentemente, isso leva ao instinto de sobrevivência, o qual lhe dá o direito de apropriar-se a tudo que a natureza oferecer. Sendo assim, Deus deu o mundo ao homem em comum, eis que tudo lhe cercava, como frutos, animais, lago, enfim, era de sua propriedade, sem ter que pedir permissão aos condôminos que ali habitavam. Em um segundo momento, vislumbra-se que além do que cercava o homem, tudo aquilo que retirava do estado natural e modificava com seu trabalho, esforço era também de sua propriedade. E por último, com a evolução, a majoração da população, foi modificando o cenário, onde tudo era de todos, de uma maneira em comum, e passa a ser individualizado, como o objetivo, de melhorar, cultivar, semear a terra para beneficiar a vida daqueles que ali viviam, eis que começa a se fazer necessário a demarcação de suas terras, com este intuito, passando assim a serem proprietários de tudo que ali dentro esta, não permitindo que aquela terra que agora é cuidada fosse de uso de todos. Contudo, se a terra demarcada, fosse trabalhada, cultivada e não fosse totalmente aproveitada, ou seja, os frutos, plantados não fossem consumidos e percessem, antes mesmo de serem consumidos, estaríamos diante de uma contradição da apropriação da terra, porque só é permitido ao homem ser proprietário de uma terra se houvesse o binômio necessidade, cultivo da terra, isto é, não apropriar-se mais do

¹ Acadêmica do curso de Direito da Faculdade Palotina de Santa Maria – FAPAS, Santa Maria/RS. E-mail: lizi_pereira@hotmail.com

² Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina de Santa Maria – FAPAS, Santa Maria/RS. E-mail: jefresonfilosofia@gmail.com.

³ Professor Adjunto da Faculdade Palotina – FAPAS. Coordenador Institucional PIBID – Centro Universitário Franciscano. E-mail: maralexalves@gmail.com

que necessitava para a sobrevivência e o que foi demarcado deveria necessariamente ser trabalhado, cultivado. Importa destacar que faltando um desses fatores elementares, necessidade-cultivo poderia perder a propriedade, pois estaria infringindo a lei mais básica da natureza e estaria passível de punição. Sendo assim, Locke explica que o direito à propriedade é inerente ao homem, algo que está interiorizado, desde a sua existência. E que esta propriedade efetivamente tem uma função social, quer dizer que se tens a propriedade e não está obedecendo ao binômio necessidade/cultivo, então esta propriedade não estará exercendo a sua função social. Desta forma, temos a concretização de um direito individual, ou seja, o direito a propriedade, e é possível ainda, vislumbrar a notoriedade do interesse público sob o privado, em relação à questão da terra exercer sua função social, posto que possuir a terra e não cultivá-la devidamente, será realizada a retomada deste bem imóvel para o coletivo, ou ainda, para o ente público que se materializa atualmente na figura do Estado. O direito da propriedade torna-se um direito privado, de cunho individual, mas de sentido tão amplo que vem agregar e culminar o bem maior, ou seja, com aquilo que Locke chama de humanidade, posto que uma área devidamente preservada, cultivada, não estará satisfazendo somente a seu proprietário, mas trará um benefício a todos os indivíduos, enquanto parte de um bem indivisível e uno. Em termos atuais, portanto, percebemos que o texto constitucional brasileiro, em consonância com as ideias de Locke, assegura que aos proprietários o direito à propriedade privada, não permitindo que outrem a invada, nem que sofra esbulho, consoante ao código civil vigente. Ficando determinado que a concretização de um direito privado. Ao lado disso, a constituição também institui a função social da propriedade, um interesse coletivo sobre o bem, de modo que o proprietário que não exercê-la, estará sujeito à desapropriação, a fim de evitar que se concentrem terras inúteis à sociedade. Considera-se que a ação estatal através da efetivação da função social é de suma importância, eis que deverá haver o comprometimento do proprietário em utilizar sua terra a fim de evitar a desapropriação, bem como efetivar o binômio necessidade/cultivo da terra, preservando-o ecologicamente, não permitindo que a terra fique ociosa e que os frutos dela pereçam, posto que acarrete em um prejuízo não para o proprietário, mas à sociedade global. Destaca-se, enfim, a importância da responsabilidade solidária no fortalecimento de uma aliança para formação de uma sociedade consciente e engajada em hábitos adequados de cultivo da propriedade.

Palavras-chave: Humanidade. Função Social. Propriedade. Trabalho.

Referências

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre governo civil e outros escritos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOBBIO, Norberto. **Locke e o direito natural**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1997